

CRISTO REDENTOR: UMA BIOGRAFIA

Vera Lúcia de Azevedo Siqueira¹

RESENHA: ALVAREZ, Rodrigo. **Redentor:** A biografia do Cristo de braços abertos, ilustre morador do Corcovado, orgulho do Brasil, maravilha do mundo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021. 312 p.

Como nasce a ideia da construção de um monumento? Que requisitos deve ter o projeto vencedor? Que forças políticas e ideológicas intervêm no processo? O que faz com que esse monumento seja consagrado internacionalmente?

Para responder a essas e outras perguntas, o jornalista Rodrigo Alvarez, que foi correspondente da TV Globo e também assina o best-seller *Aparecida*, debruçou-se sobre uma série de documentos que incluem matérias de revistas e jornais, fotografias, discursos, diários e correspondências para traçar a biografia do Cristo Redentor, exemplo de intervenção humana na paisagem carioca consagrada pela Unesco, em 2012, patrimônio paisagístico mundial. No livro, estruturado em três partes e um epílogo, Alvarez mostra os bastidores da criação do monumento, desde a origem da ideia, surgida em 1888, até sua concretização, nos idos de 1931.

Na primeira parte, intitulada “O Cristo num véu de nuvem brilhante subindo ao céu”, o autor lembra que tudo teve início com a ideia dos abolicionistas de homenagear a Princesa Isabel e construir, no alto do Corcovado, a imagem da Redentora. A princesa sugere, então, um monumento a Cristo, “o verdadeiro redentor dos homens”. A ideia agrada à Igreja Católica, mas sofrerá no decorrer dos anos intensas críticas tanto de protestantes (contrários à adoração de imagens), como de positivistas (ateus).

O jornalista informa que, no século XIX, além de local de passeios da família imperial, o Corcovado, situado no Parque Nacional da Tijuca, era ponto estratégico dotado de sistemas de alerta para embarcações suspeitas. Foi a seus pés que escravos fugitivos formaram um dos primeiros quilombos do Rio de Janeiro, transformado em favela (aliás, a linha férrea ligando o Cosme Velho ao Corcovado foi feita com mão de obra escrava). Mas só a partir de 1921 surgem as primeiras notícias sobre a construção de um monumento no local. O autor apresenta então, em

¹ Museóloga (UNIRIO), mestre em Educação (UnB). E-mail: veralu8@gmail.com.

pequenos capítulos, o desenrolar de toda a saga que teria como principais personagens o cardeal Sebastião Leme, o engenheiro Heitor da Silva Costa e o escultor Paul Landowski.

A partir da Proclamação da República, quando o Brasil vê a ascensão do positivismo, torna-se crucial para a igreja católica retomar seu poder. Nesse contexto, a nomeação de D. Sebastião Leme como arcebispo do Rio, em 1921, é crucial para esse projeto. Leme será por muitos anos a mais importante liderança católica do país e, ao assumir o comando da comissão encarregada de construir o monumento, influenciará na versão final da própria escultura, ou seja, um Cristo de braços abertos, para que fosse visto de longe, “como uma cruz”, e dará início a uma campanha inédita para arrecadar doações junto à população brasileira.

Outro dos principais personagens associados ao Redentor, o carioca Heitor da Silva Costa, filho de um conselheiro do Império, havia estudado na Escola Politécnica. Engenheiro respeitado, especialista em arquitetura sacra e fascinado por estátuas, fez parte da comissão encarregada da construção do monumento, participou do concurso para a escolha do projeto e saiu vencedor ao apresentar a primeira versão de um Cristo de cobre, com trinta metros, sobre o Corcovado, tendo em uma das mãos um globo terrestre e, na outra, a cruz da Redenção. Caberá a ele a escolha do escultor, em 1924, e o acompanhamento da obra (que vai sofrer modificações), sempre no eixo Rio-Paris.

Paul Landowski, o personagem estrangeiro de toda essa história, era na época um artista francês reconhecido. Aos 49 anos, vivia em seu ateliê parisiense, cercado de maquetes de gesso e bustos de bronze. Convidado por Heitor, aceita trabalhar à distância e fazer grandes maquetes da estátua, cujos cálculos caberão a uma famosa empresa de engenharia francesa. Mas só em 1926 Landowski cria o Redentor como o conhecemos, com seu manto de “dobras planas em art déco”, estilo em voga na Europa. Alvarez mostra as hesitações do artista, um perfeccionista que nunca veio ao Brasil, abriu mão dos direitos sobre a estátua, nem sequer assinou a obra e sofre ao pensar no equilíbrio das proporções entre o corpo e a cabeça da estátua, mal sabendo que aquela seria a sua escultura mais célebre.

Seguem-se capítulos nos quais o jornalista mostra as discussões estéticas em torno do revestimento da estátua, o trabalho das senhoras católicas do Rio de Janeiro em dar polimento nos pedaços triangulares de pedra-sabão (“a pele do Redentor”), os temores de Heitor quanto aos desafios técnicos na montagem da estátua (afinal, será preciso erguer andaimes sobre o precipício) e, finalmente, a tão esperada inauguração no dia consagrado à padroeira do Brasil, com a presença de Vargas, o ditador ateu e populista.

O autor traça na segunda parte do livro, “Cinquenta anos em maus lençóis”, as vicissitudes do monumento que, após a inauguração, muito visitado, sofre com a falta de segurança dos visitantes e a conservação. Apesar da qualidade da construção, as intempéries (sobretudo os violentos raios) provocam manchas e até a perda do dedo médio da mão direita da estátua. Seguem-se no pós-guerra ações para conservá-la e torná-la mais divulgada e atraente. Assim, surge o primeiro restaurante no alto do Corcovado e a imagem impressa do monumento na nota de cinco mil cruzeiros. Nos anos 1960, além de ganhar nova iluminação, vira cenário de filmes como *Roberto Carlos em Ritmo de Aventura* e é homenageado por Tom Jobim com o *Samba do Avião*. Mas a manutenção continua um problema até 1980, quando o monumento é fechado para reforma pela primeira vez devido à visita papal de João XXIII. Nessa década a imagem se populariza ainda mais quando, no carnaval de 1989, o polêmico Joãozinho Trinta apresenta o enredo “Ratos e urubus, larguem a minha fantasia”, cujo carro abre-alas traz um Cristo Redentor esfarrapado. Proibido pela Igreja, o Cristo acaba desfilando coberto de plástico preto com os dizeres: “Mesmo proibido, olhai por nós”.

Na terceira parte, “Rio, você foi feito pra mim”, Alvarez mostra que o Redentor, já elevado à categoria de santuário, passa, a partir de 2006, com a chegada do padre Omar Raposo, a ser intensamente divulgado junto à mídia e, cada vez mais, identificado ao país. Assim, é estampado em 2009 na capa da revista britânica *The Economist* como um foguete (“o Brasil decolando”). Com a melhora no serviço de trens e na administração, o Redentor se torna paixão nacional e símbolo pop, refletindo ao mesmo tempo as crises nacionais: em 2013, volta à capa da *The Economist*, dando voltas e soltando fumaça (“será que o Brasil explodiu?”) e, em 2021, intubado, com Covid-19, (“à beira do abismo”).

No epílogo, intitulado “Se todos fossem iguais a você”, o autor apresenta monumentos semelhantes no Brasil e no mundo (como o Cristo del Otero, na Espanha, também em art déco) e lembra do concurso lançado em 2007 por uma fundação suíça, com votação via Internet, cujo resultado incluiu o Cristo Redentor entre as novas sete maravilhas do mundo moderno. Enfim, com “noventa carnavais nas costas”, esse monumento é objeto desta oportuna biografia, que conta ainda com notas bibliográficas e um caderno de fotos. Seu autor revela em linguagem leve e coloquial, a que não faltam pitadas de humor e de ironia, os meandros da construção da estátua, além de esclarecer alguns equívocos como, por exemplo, a sua autoria.

Portanto, neste momento em que o país se vê diante de perdas de seu patrimônio histórico e artístico, seja por inépcia, negligência ou vandalismo, *Redentor* é leitura recomendada não só aos

apreciadores da arte e do patrimônio cultural, mas também ao leitor comum que certamente se deliciará com a história bem contada dessa obra de arte que, mais do que um símbolo da fé, tornou-se um símbolo do Brasil.